



» Entrevista | LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA (PT) | CANDIDATO À PRESIDÊNCIA

Ex-presidente diz que está mais experiente e sabe o que é governar, ao contrário do seu adversário. Petista promete manter o Auxílio Brasil em R\$ 600, mas afirma que o chefe do Executivo “passa por cima das regras” e usa o benefício com fins eleitorais

“Bolsonaro não governa. Ele trabalha?”

» CARLOS MARCELO
» GUILHERME PEIXOTO
» RENATO SCAPOLATEMPORE

Belo Horizonte — O candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, se prepara para rodar o Brasil em busca dos votos que precisa para voltar ao Palácio do Planalto após mais de uma década. Ontem, em entrevista por escrito ao Estado de Minas, dos Diários Associados, o líder petista disse querer estabelecer pontes de diálogo com diversos setores da sociedade brasileira, como os sindicatos e o empresariado. Ele não poupou críticas ao presidente Jair Bolsonaro (PL) — que será seu adversário nas urnas —, a quem acusou de “fazer palhaçada” nas redes sociais em vez de governar. “Diferente do Bolsonaro, eu vou trabalhar. Desde o primeiro dia, porque não preciso de tempo para aprender a ser presidente — e essa é a principal diferença do Lula de agora para o Lula de 2003. Estou mais experiente, sei o que é governar — e como governar”, afirmou.

Hoje, Lula faz, na Praça da Estação, seu primeiro grande ato político desde o início da campanha eleitoral. Ele vai dividir o palanque com Alexandre Kalil (PSD), candidato ao governo mineiro com o apoio do PT. Também estará no comício o senador pedista Alexandre Silveira, postulante à reeleição com o endosso da federação à esquerda liderada pelos petistas. “Kalil e Silveira são os meus candidatos aqui em Minas, porque são pessoas com capacidade de diálogo e disposição para o trabalho, que é o que a gente precisa para superar as tragédias criadas por este desgoverno”, disse.

Lula reforça desejo de aliados e pensa em retornar a Minas Gerais antes do primeiro turno, agendado para 2 de outubro. Segundo ele, o estado “tem a diversidade e a complexidade do país”. O ex-presidente prometeu manter os pagamentos mensais de R\$ 600 aos cidadãos em situação de vulnerabilidade, mas enfatizou que Bolsonaro “passa por cima das regras” e usa o Auxílio Brasil com fins eleitorais. “Não sei se (esta) é a eleição mais difícil, mas acho a mais importante, porque Bolsonaro não respeita a democracia e tem um projeto de destruição do Brasil”, destacou.

O ato em Belo Horizonte será a primeira atividade oficial de sua campanha. Por que resolveu iniciá-la por Minas Gerais? Acredita que a eleição presidencial, novamente, poderá ser decidida no estado? Vai visitar outras regiões mineiras até outubro?

Minas é um estado fundamental no Brasil. Segunda maior população, segunda maior economia, com uma diversidade enorme em cada uma das suas regiões. Já estive no Triângulo, em Uberlândia, e na Zona da Mata, em Juiz de Fora, este ano e quero estar em outras regiões, sim, no Norte de Minas, no Vale do Aço. Minas tem a diversidade e a complexidade do país. O país é grande. Este ano, a campanha é muito curta, e esta é uma eleição para selar o compromisso dos brasileiros com a democracia, com a paz, com a inclusão social, com nossa soberania e independência.

Quais as afinidades que o senhor descobriu nos encontros que teve até agora com Alexandre Kalil? Muitas pesquisas mostram que o ex-prefeito de BH ainda é desconhecido por parte expressiva dos eleitores do interior do estado. O que fará para tornar Kalil mais conhecido? E o candidato de sua coligação ao Senado, Alexandre Silveira, como impulsionar a candidatura dele?

Kalil é um cara muito sincero, muito digno, corajoso e que fez um excelente trabalho como prefeito de Belo Horizonte. É um cara com muita disposição de botar a mão na massa, de fazer acontecer. Ele e o Alexandre Silveira são os meus candidatos aqui em Minas, porque são pessoas com capacidade de diálogo e disposição para o trabalho, que é o que a gente precisa para superar as tragédias criadas por este desgoverno.

A campanha do presidente Bolsonaro trabalha com um

aumento da popularidade dele entre as classes mais desfavorecidas após o anúncio do Auxílio Brasil e o início dos pagamentos do benefício. O senhor vai manter o auxílio por quatro anos? Onde vai buscar orçamento para isso? E o que tem a dizer aos que estão recebendo ajuda financeira?

Claro que vamos manter o auxílio. E vamos fazer mais para gerar emprego, melhorar a educação pública, valorizar o salário mínimo, cuidar de tudo que cuidamos para o povo viver melhor como vivia no meu governo. Vamos fazer isso com a responsabilidade que tive quando fui governo, com a urgência de cuidar de quem está em situação difícil agora, de resolver quem está passando fome. Já o Bolsonaro, depois de três anos e meio sem fazer nada, decidiu tentar enganar o povo às vésperas da eleição. O que tenho a dizer para quem está recebendo auxílio financeiro é para pegar o dinheiro, porque precisam disso, e votar para tirar esse incompetente da Presidência.

Como avalia as críticas feitas na última sexta-feira pelo seu novo aliado, o deputado André Janones, à comunicação e à linguagem utilizada pela esquerda no país? Concorda com a avaliação dele de que é preciso falar de forma mais direta com o povo brasileiro? Qual será a participação de Janones em sua comunicação?

O Janones é uma jovem liderança que conhece a realidade do povo brasileiro e que aprendeu a falar com o povo pela internet justamente por essa grande qualidade dele. Acho que tem dado contribuições importantes, entusiasmadas, assim como todos os outros partidos e lideranças que estão conosco nesse movimento, como o (Geraldo) Alckmin, o Kalil e tanta gente que está se unindo a nós para devolver ao Brasil a normalidade e o direito

Evaristo Sa / AFP



Não sei se é a eleição mais difícil, mas acho a mais importante, porque o Bolsonaro não respeita a democracia e tem um projeto de destruição do Brasil”

“O que tenho a dizer para quem está recebendo auxílio financeiro é para pegar o dinheiro, porque precisam disso, e votar para tirar esse incompetente da Presidência”

“No meu mandato, tivemos disposição, nunca vista antes, de dar ao país as ferramentas necessárias para investigar e expor os casos de corrupção”

“Não preciso de tempo para aprender a ser presidente — e essa é a principal diferença do Lula de agora para o Lula de 2003. Estou mais experiente, sei o que é governar e como governar”

de uma vida digna aos brasileiros, com comida no prato e trabalho decente.

Bolsonaro disse, em recente tuíte, que o PT defende “aborto, drogas, ideologia de gênero, desencarceramento, controle da mídia/internet, ladrões de celular, financiamento de ditaduras e diálogos cabulosos”. O seu partido, ou o senhor, pessoalmente, defende algum dos itens citados pelo presidente?

Eu não defendo nada disso, e o povo que viveu o meu governo

sabe disso. O Bolsonaro fala essas mentiras para tentar distrair, até vocês do *Estado de Minas*, do que interessa de verdade. Ele trabalha direito? Ele trabalha? Porque ele não governa, faz palhaçada nas redes sociais, anda de moto, de jet-ski, conta mentira no cercadinho. Quando o país precisou de alguém sério na pandemia, ele foi para a tevê contar mentira e fazer piada sobre “gripezinha”, “histórico de atleta”. Demorou para comprar vacina e ainda recusou oferta para pagar mais barato. As estimativas

são de que 400 mil pessoas morreram na pandemia por causa da incompetência dele.

É a primeira vez, desde a democratização, que um ex-presidente da República enfrenta nas urnas um presidente no exercício do mandato. Esta é a eleição mais difícil que o senhor vai disputar?

É a eleição em que eu estou vendo o sujeito que ocupa a cadeira usar, descaradamente, a máquina do governo, passar por cima das regras, jogando as contas e os problemas para o orçamento do ano que vem para tentar gerar uma ilusão na eleição. Mas o povo não está caindo nessa. Não sei se é a eleição mais difícil, mas acho a mais importante, porque o Bolsonaro não respeita a democracia e tem um projeto de destruição do Brasil.

Considera que houve corrupção no governo federal durante o seu mandato? Como vai, pessoalmente, se empenhar no combate à corrupção em um eventual terceiro mandato?

O que houve no meu governo foi investigação e transparência, não é como hoje, que o presidente vai decretando sigilo de 100 anos para tudo. No meu mandato, tivemos disposição, nunca vista antes, de dar ao país as ferramentas necessárias para investigar e expor os casos de corrupção. Você sabia que no meu governo, pela atuação da Controladoria-Geral da União, que nós criamos, afastamos 5.390 funcionários por irregularidades? A Polícia Federal recebeu investimentos e tinha autonomia. Criamos regras de transparência, a Lei de

Acesso à Informação, porque nada que é público deve ser segredo — o que é o exato oposto do que Bolsonaro diz e faz. Então, o meu compromisso primeiro é acabar com sigilos. Depois, voltar a fortalecer as instituições que acompanham as contas públicas e investigam o que está errado.

O que vai fazer de diferente do que fez nos seus mandatos anteriores? E o que fará que o presidente Bolsonaro não conseguiu fazer nos últimos quatro anos?

Diferente do Bolsonaro, eu vou trabalhar. Desde o primeiro dia, porque eu não preciso de tempo para aprender a ser presidente — e essa é a principal diferença do Lula de agora para o Lula de 2003. Estou mais experiente, sei o que é governar e como governar. Então, vou trabalhar desde o primeiro minuto para cuidar do povo brasileiro, conversando com os governadores, com os prefeitos, com as universidades, com os sindicatos, os empresários. E, trabalhando junto com a sociedade, ouvindo todos, aí vai ser possível devolver a cada homem e a cada mulher as três refeições que o Bolsonaro tirou da mesa dos brasileiros. Devolver os empregos que ele e o (Paulo) Guedes fizeram desaparecer. Devolver aos nossos jovens a possibilidade de acabarem seus estudos e entrarem numa universidade, para serem o que quiserem ser. E devolver o Brasil ao posto de país respeitado internacionalmente, atraindo investimentos produtivos, que atua pela paz, pela solidariedade, que protege seu meio ambiente. Um Brasil que volte a nos dar orgulho.